

## Salas de cinema de rua de Santa Catarina (Brasil): uma pesquisa e suas escalas

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v12i23.53235>

Renata Rogowski Pozzo<sup>1</sup>

Luís Eduardo Candeia<sup>2</sup>

Yasmin Lopes Müller<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo se propõe a *narrar* os caminhos de uma investigação, de práticas de ensino e extensão na Universidade, e de experiências de vida junto às antigas salas de cinema de rua do estado de Santa Catarina (Brasil). Constitui um relato que é também um convite aos leitores a um passeio por ruas imaginárias ou memoriais, nas quais encontramos essas arquiteturas continentais de histórias e permeadas por relações contraditórias entre a presença e a ausência, o lazer e a política. Objetiva mobilizar o olhar dos leitores para as múltiplas possibilidades de abordagem do problema do aparecimento e do desaparecimento das salas de cinema das centralidades urbanas, bem como, a complexidade imbuída na vontade de compreender a totalidade da questão e a inserção das salas em um contexto espaço-temporal específico. Partindo do campo teórico da Geografia, e estabelecendo contato com as *histórias de cinema*, as salas de cinema de rua são analisadas mediante *escalas*, que, na realidade, se intercalam em um movimento dialético entre o universal e o particular, o mundo e o lugar: internacional, nacional, regional, urbana e pessoal. Cartografar essas relações espaciais multidimensionais e dinâmicas consiste em um grande desafio, *pari passu* mostrou-se uma prática de grande potencial heurístico. Diversas fontes e métodos estão sendo mobilizados ao longo desse percurso, os quais envolvem principalmente pesquisa em arquivos públicos e pessoais, revisões teóricas, entrevistas e observações em campo.

**Palavras-chave:** Salas de cinema; Exibição cinematográfica; Santa Catarina (Brasil).

---

<sup>1</sup>Renata Rogowski Pozzo. Doutora em Geografia. Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil. E-mail: [sul.renate@gmail.com](mailto:sul.renate@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0003-3965-4813>

<sup>2</sup>Luís Eduardo Candeia. Graduado em Arquitetura e Urbanismo. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil. E-mail: [luis.eduardo.candeia@gmail.com](mailto:luis.eduardo.candeia@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0002-8073-5001>

<sup>3</sup>Yasmin Lopes Müller. Graduada em Arquitetura e Urbanismo. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil. E-mail: [yasmin.muller@edu.udesc.br](mailto:yasmin.muller@edu.udesc.br) - <https://orcid.org/0000-0001-5232-1429>

Recebido em 21/02/2022, aceito para publicação em 18/07/2022 e disponibilizado online em 01/09/2022.

## Salas de cine callejero de Santa Catarina (Brasil): una investigación y sus escalas

**Resumen:** El artículo se propone narrar los caminos de una investigación, de prácticas de enseñanza y extensión en la Universidad, y de experiencias de vida sobre los antiguos cines callejeros en el Estado de Santa Catarina (Brasil). Constituye un relato que es también una invitación a los lectores a pasear por las calles imaginarias o memoriales, en las que encontramos estas arquitecturas llenas de historias y permeadas por relaciones contradictorias entre presencia y ausencia, ocio y política. Pretende movilizar la mirada de los lectores acerca de las múltiples posibilidades de abordar el problema de la aparición y desaparición de las salas de cine en las centralidades urbanas, así como la complejidad imbuída en el deseo de comprender el conjunto de la cuestión y la inserción de las salas en un contexto de espacio temporal específico. Partiendo del campo teórico de la Geografía, y estableciendo contacto con las historias del cine, se analizan los cines de calle mediante escalas que, de hecho, se intercalan en un movimiento dialéctico entre lo universal y lo particular, el mundo y el lugar: internacional, nacional, regional, urbano y personal. Mapear estas relaciones espaciales multidimensionales y dinámicas es un gran desafío, *pari passu* se mostró ser una práctica de gran potencial heurístico. Varias fuentes y métodos están siendo movilizados a lo largo de este camino, que involucran principalmente investigaciones en archivos públicos y personales, revisiones teóricas, entrevistas y observaciones de campo.

**Palabras clave:** Salas de cine; Exhibición cinematográfica; Santa Catarina (Brasil)

## Street movie theaters of Santa Catarina (Brazil): a research and its ranges

**Abstract:** This research proposal has the aim to narrate the paths of an investigation of practices of teaching and extension in the university, and the life experiences beside the formers street cinemas of Santa Catarina (Brazil). This compose of a story which is also an invitation to the readers to a tour through imaginary and full of memory streets, in which we found buildings full of stories and permeated by contradictory relations among the presence and absence, leisure, and politics. It aims to mobilize the readers to understand the multiple possibilities of approach to the problem of appearance and disappearance of the movie theaters from the urban centralities, as well as the complexity embedded in the desire to understand the whole issue and the insertion of the movie theaters in a specific context of temporal space. Starting from the theoretical field of Geography, and establishing contact with cinema histories, street cinemas are analyzed through scales, which, in fact, are connected in a dialectical movement between the universal and the particular, the world and the place: being international, national, regional, urban and personal. Mapping these multidimensional and dynamic spatial relationships is a great challenge, alongside proved to be a practice of great heuristic potential. Several sources and methods are being mobilized along this path, which involve mostly research in public and personal archives, theoretical reviews, interviews, and field observations.

**Keywords:** Street Movie Theaters; Cinematographic Exhibition; Santa Catarina (Brazil).

## Salas de cinema de rua de Santa Catarina (Brasil): uma pesquisa e suas escalas

### Introdução

O artigo ora apresentado se propõe a *narrar* os caminhos de uma investigação, de práticas de ensino e

extensão na Universidade, e de experiências de vida junto às antigas salas de cinema de rua do estado de Santa Catarina (Brasil). Constitui um

relato que é também um convite aos leitores a um passeio por ruas imaginárias ou memoriais, nas quais encontramos essas arquiteturas continentais de histórias permeadas por relações contraditórias entre a presença e a ausência, o lazer e a política. Objetiva mobilizar o olhar dos leitores para as múltiplas possibilidades de abordagem do problema do aparecimento e do desaparecimento das salas de cinema das centralidades urbanas, bem como, a complexidade imbuída na vontade de compreender a totalidade da questão e a inserção das salas em um contexto espaço-temporal específico, ou seja, sua espacialização enquanto *particularização da totalidade* (SANTOS, 2020).

Partindo do campo teórico da Geografia e estabelecendo contato com a Nova História do Cinema (ou, as *histórias de cinema*, como vem propondo o pesquisador João Luiz Vieira), as salas de cinema de rua são analisadas mediante *escalas*, que, na realidade, se intercalam em um movimento dialético entre o universal e o particular, o mundo e o lugar: internacional, nacional, regional, urbano e pessoal. Estas escalas são,

também, temporais, posto que a presença das salas atravessa não apenas o espaço, mas também o tempo. As salas têm uma presença (ou uma ausência) em um tempo que não tem apenas transcurso, mas também extensão: *espacialidade* (SANTOS, 2020). Essas escalas, sendo *escalas do acontecer*, estão sempre mudando. Por conseguinte, o valor das salas, enquanto objetos espaciais e dados sociais, vem de sua *existência relacional* (SANTOS, 2020). Cartografar essas relações espaciais multidimensionais e dinâmicas consiste em um grande desafio, *pari passu* mostrou-se uma prática de grande potencial heurístico.

Nosso processo de investigação, desde 2016, vem transitando por essas escalas em suas diferentes frentes, que envolvem desde iniciação científica em nível de graduação até projetos de pesquisa em nível de pós-graduação, passando por projetos de extensão e pela proposição de disciplinas curriculares<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup>Programa de Extensão "Cidade Reencontrada: tempos e espaços para o cinema em Laguna-SC" (2013-2019). Projeto de Pesquisa "Corpo Espacial do Cinema: uma cartografia social das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina" (2016-2020). Trabalhos de Conclusão de Curso em Arquitetura e

Diversas fontes e métodos estão sendo mobilizados ao longo desse percurso, os quais envolvem principalmente pesquisa em arquivos públicos e pessoais, revisões teóricas, entrevistas e observações em campo.

### **Olhar de longe: escalas global e nacional<sup>5</sup>**

Quando, em nossas andanças físicas ou virtuais, encontramos uma antiga sala de cinema de rua, comumente ela apresenta-se fechada, não está mais em funcionamento. É frequente que esteja profundamente descaracterizada ou mesmo em ruínas, seja pela colocação de uma enorme placa com o nome de uma loja

de eletrodomésticos ou de uma igreja, quando refuncionalizada, ou pela degradação do tempo de abandono. Diante desse encontro, o primeiro questionamento que colocamos é: por que esse cinema encerrou suas atividades?

---

Urbanismo: "Síntese das artes: reabilitação do Cine Ritz, centro histórico de Florianópolis/SC" (Marillyan Souza Pereira, 2017); Memória e Sociabilidade Urbana: Proposta de um Memorial do Cinema e Teatro Lageano Anexo ao Cine Marrocos em Lages/SC" (Willian Sartor Dallabrida, 2018). Disciplina "O cinema na Cidade", inserida no curso de Arquitetura e Urbanismo da UDESC. Mestrados em andamento no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da UDESC: "A ruralidade dos cinemas de rua do oeste de Santa Catarina: a técnica em um contexto incomum" (Luís Eduardo Candeia); "O cinema ao longo do Vale do Itajaí: espaços de cultura e desenvolvimento regional" (Yasmin Lopes Muller).

<sup>5</sup>As discussões presentes neste capítulo foram formuladas anteriormente e encontram-se desenvolvidas em Pozzo (2020A) e Pozzo (2020B).

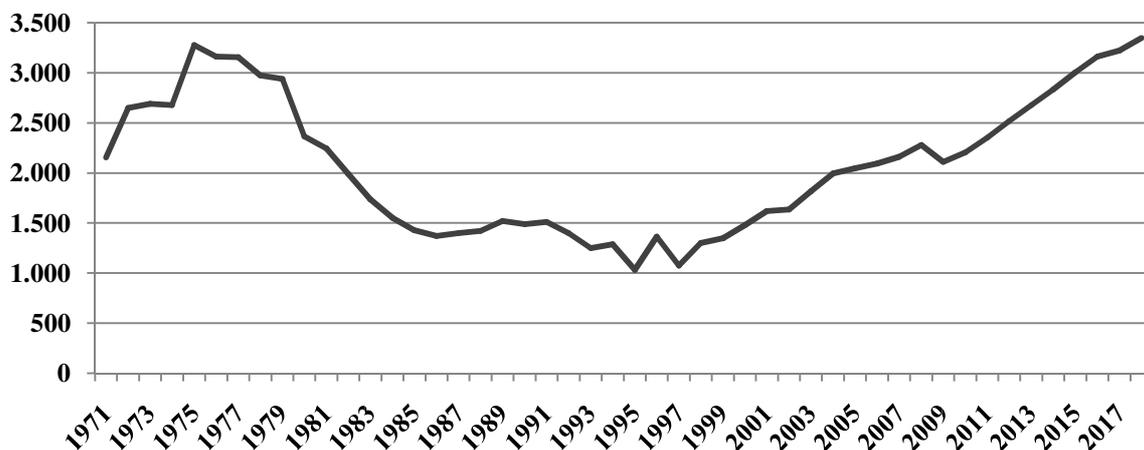
Buscando ir além de interpretações insuficientes, que costumam atribuir esse fechamento a popularização da televisão, lançamos um olhar mais amplo para o processo. Assim, as primeiras escalas que mobilizamos são a global e a nacional, e os aportes da Economia Política da Cultura e da Geografia Industrial nos auxiliam a desvendar o que chamamos de *migração de telas*.

Historicamente, entre os dois momentos de ápice do número de salas de cinema no Brasil (1975 e

2018), há dois movimentos efetuados por essas telas migrantes. Um primeiro movimento se dá em escala regional: do interior para o litoral e das cidades pequenas para as grandes.

Observando o gráfico abaixo, percebemos que no ano de 2018 o número de salas de exibição em território nacional ultrapassou de forma inédita o recorde de 1975, fixado em 3276 salas, chegando ao número de 3347.

Gráfico 1 - Número de Salas de Exibição no Brasil de 1971 até 2018.



Fonte: POZZO, 2020B.

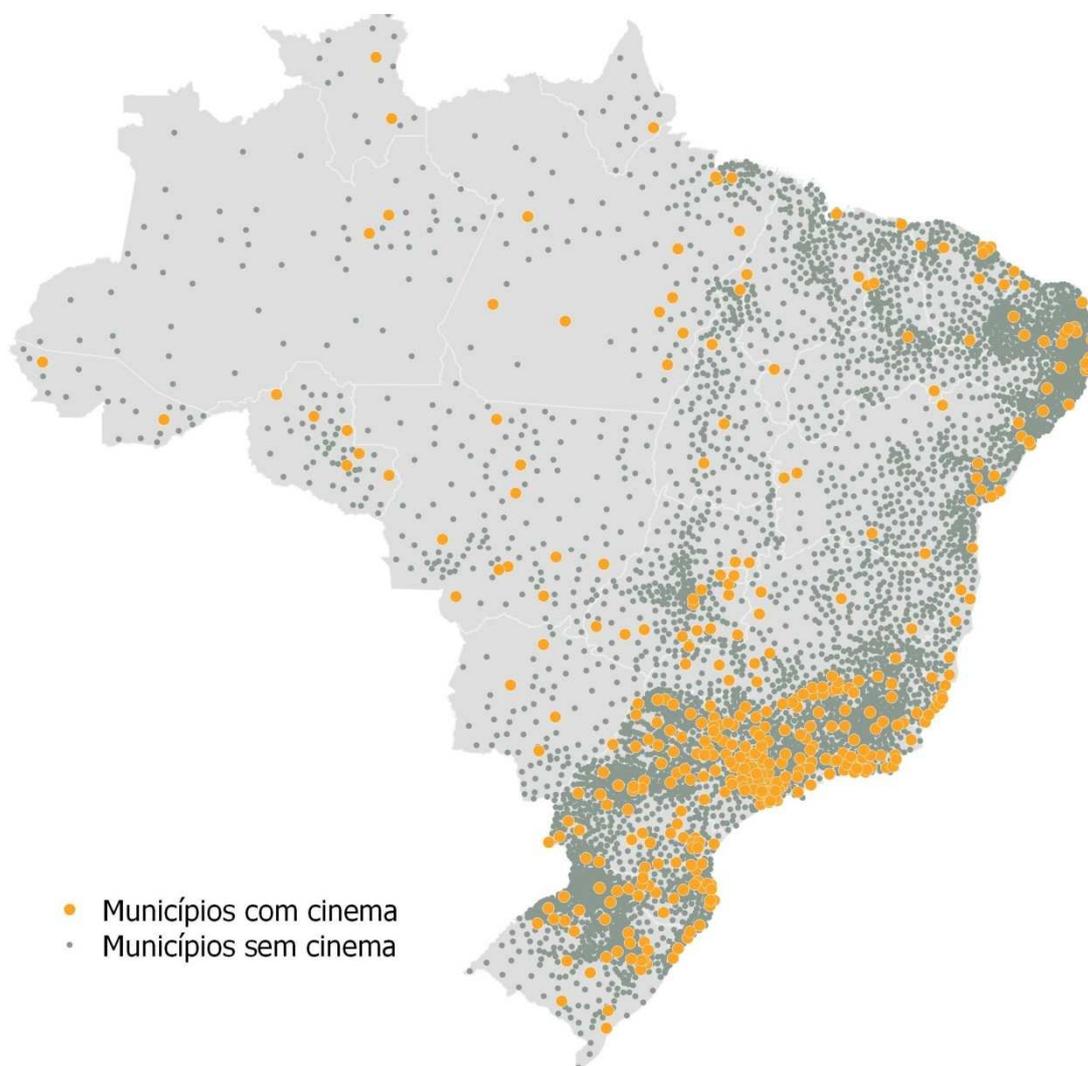
Embora próximos em sua forma absoluta, estes números guardam uma

diferença substancial no que diz respeito à localização destas salas na

rede brasileira de cidades. Na década de 1970, 80% das salas estavam localizadas fora dos grandes centros urbanos (ANCINE, 2019A). Em 2018, as salas distribuem-se entre 416

municípios brasileiros (Mapa 1), 7,4% do total. Aproximadamente 57% das salas localizam-se em cidades com mais de 500 mil habitantes (ANCINE, 2019B).

Mapa 1 - Municípios com e sem sala de cinema regular em 2018

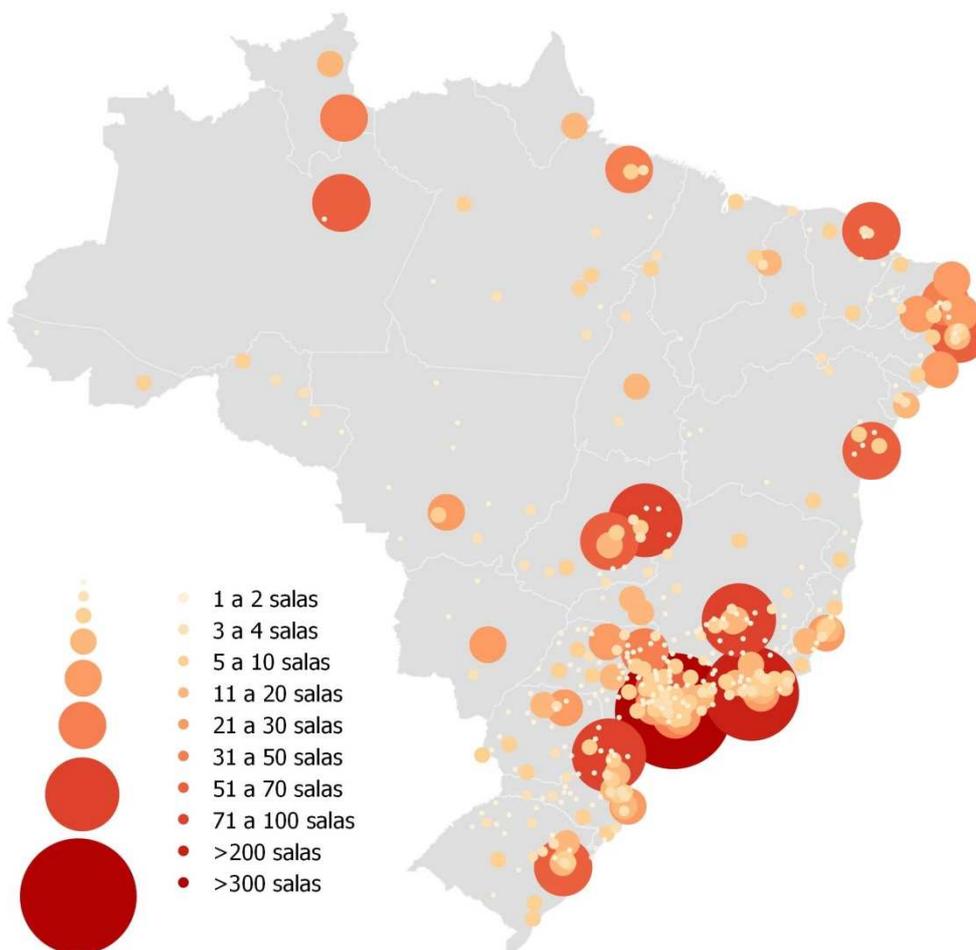


Fonte: POZZO, 2020B

Ao longo dessas quatro décadas, demarcou-se o movimento das salas das cidades pequenas do interior para as grandes cidades do litoral, produzindo verdadeiros *vazios de consumo* (SANTOS; SILVEIRA, 2004). Do ponto de vista regional, o mapa de localização geográfica das salas acompanha o desenvolvimento e as desigualdades brasileiras. O movimento no sentido de uma

concentração deu-se de oeste para leste e de Norte para Sul, rumo a chamada *região concentrada* (SANTOS; SILVEIRA, 2004). Em 2018, quase 70% das salas de exibição localizavam-se nas regiões Sudeste (Mapa 2) e, além disso, nestas regiões estão mais bem distribuídas no território dos estados.

Mapa 2 - Número de salas regulares de cinema por município em 2018.



Fonte: POZZO, 2020B

A rede urbana se impôs como condição para a reconfiguração da organização espacial dos cinemas brasileiros quando combinada a uma transição tecnológica imposta para as salas a partir dos anos 1980, para a qual poucos empresários brasileiros estavam preparados a se adaptar. As grandes salas dos anos 1930 chegaram aos anos 1970 obsoletas tecnicamente e seu modelo de grandes saguões e plateias de mais de 1000 lugares não resistiu à especulação imobiliária, pois já não lucravam o suficiente (BERNARDET, 2009).

Somada a essa transição tecnológica incompleta, a tendência à concentração foi induzida pela estratégia de distribuição das *majors*, que privilegiaram áreas de alta renda das grandes cidades e excluíram regiões inteiras do cinema. Essa tendência também foi acompanhada pelas distribuidoras brasileiras em virtude das dificuldades históricas de distribuição em um território tão extenso e complexo.

O entendimento da configuração histórica da rede urbana brasileira e dos processos de concentração induzidos pelas mudanças tecnológicas e por novas estratégias de distribuição implantadas a partir dos anos 1970, iluminam a questão da organização desigual e concentrada das salas de cinema até o final da década de 1990. O resultado prático foi a diminuição drástica do número de salas de cinema no Brasil. A partir da década de 2000, embora essa configuração se mantenha como norma, observa-se duas tendências de transformação, uma em direção às cidades médias e outra em direção ao Norte e Nordeste.

O aumento em 80% do número de salas de cinema em cidades médias (aquelas que possuem entre 100 e 500 mil habitantes) entre os anos 2011 e 2018 e o crescimento em 125% e 185% dos parques exibidores do Nordeste e Norte brasileiro são tendências que acompanham as transformações da rede urbana nacional. Estas tendências são possibilitadas pelo processo de

digitalização de 100% das salas, que rompe com as barreiras de transporte em nosso território.

Assim como o processo de fechamento das salas de cinema de rua entre os anos 1975 e 1999, o crescimento do número de salas a partir dos anos 2000 precisa ser compreendido a partir da combinação do entendimento da rede urbana nacional com a atuação empresarial das *majors* (no ramo de exibição e distribuição) e da emergência de um novo contexto de transição tecnológica: o modelo *multiplex*.

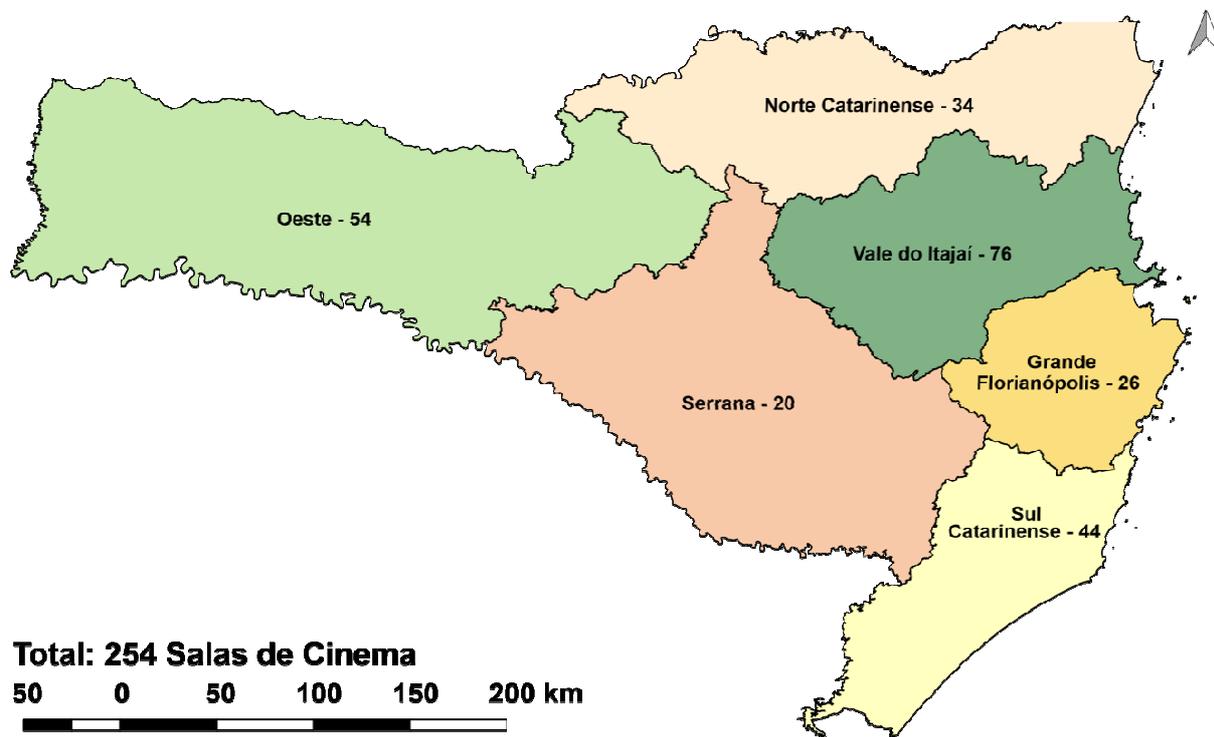
### **Trazendo para perto: especificidades e manifestações**

Mapa 3 – Salas de cinema encontradas no estado de Santa Catarina

### **diversas no estado de Santa Catarina**

Mas, como essas relações se estabelecem na realidade regional de Santa Catarina, um estado marcado pela presença da pequena cidade; da importância histórica de diversos centros regionais; com uma capital que não é a maior cidade do estado e que apenas em 2018 passou a ser considerada metrópole pelo IBGE?

Ao longo de nossa investigação, foram encontrados registros da presença de 254 salas de cinema de rua no território catarinense, distribuídas regionalmente segundo o mapa a seguir:



Fonte: Elaborado pelos autores, sobre base cartográfica do IBGE, 2021.

Os primeiros espaços de exibição cinematográfica de Santa Catarina não eram exclusivos, foram montados em clubes, teatros, hotéis e sociedades recreativas. Temos registros daqueles que seriam os 4 primeiros espaços de exibição do

estado (Figura 1). Na cidade de Blumenau, o Cine Busch; na cidade de Florianópolis, o Cine Teatro Variedades/Cine Royal/Cine Odeon; na cidade de Laguna, o Cine Central/Palace e; em Itajaí, a Sociedade Estrela do Oriente.

Figura 1 - Primeiros espaços de cinema de Santa Catarina – Década de 1900



A – Cine Busch, Blumenau, década de 1950. Fonte: MULLER; POZZO, 2017.

B - Cine Teatro Variedades/Cine Royal/Cine Odeon, Florianópolis, década de 1910. Fonte: PEREIRA, 2017.

C – Cine Odeon, Florianópolis, 1950, Fonte: PEREIRA, 2017.

D – Cine Central, Laguna, 1923. Fonte: POZZO, 2016.

Portanto, os primeiros espaços de exibição compõem a paisagem urbana das cidades de maior relevância comercial no contexto da virada do século XIX para o XX, proliferando-se pelo estado em diferentes etapas. Inicialmente, são implantadas na vertente litorânea do território e em núcleos portuários e comerciais, como Laguna e Florianópolis, que entraram primeiramente em contato com esta

arte por conta do intercâmbio com o exterior, e pelo propício contexto áureo de suas economias baseadas no capital comercial. Nestas cidades, as salas possuíam, em geral, características estéticas do Eclétismo e do *Art Déco*, e eram projetadas para deslumbrar o espectador, tanto pela atividade, quanto por sua arquitetura. Em seguida, adentrando o território, chegam às cidades fundamentadas na economia industrial, como Joinville e

Criciúma, onde também se percebe a intenção de envolver o visitante através do espaço arquitetônico. Ainda, nestes casos, nota-se a associação das salas de exibição aos hotéis, reforçando a ideia de uma modernidade cosmopolita em que a tecnologia e a arte, ligadas às redes urbanas, são partícipes do cotidiano das cidades. Destaca-se, no interior do estado, o protagonismo da região Serrana em relação ao estabelecimento e administração da Rede Arco-Íris na cidade de Lages, denominada atualmente de Arcoplex Cinemas. Por fim, surgem as salas de cinema nas regiões de economia agrícola do Oeste, configuradas com base em uma lógica contraditória a até então observada: espaços de exibição em edificações simples, em geral estruturadas em madeira, inicialmente nos porões e sótãos de outros estabelecimentos e edificações previamente existentes. Nesses territórios, o Cinema foi tomado pela ruralidade local, sendo uma nova

opção de lazer e cultura, envolta em tecnologia e modernidade, mas que acontecia nos moldes simplistas da economia e cultura agrícola.

No estágio atual da pesquisa, temos o registro da data de inauguração de 162 salas, dentro do universo de 254. Destas, temos o registro da data de fechamento de apenas 71. Portanto, temos o registro de ocorrência de 92 salas sem data exata de abertura e fechamento.

Considerando as salas das quais temos informação, após a abertura desses primeiros 4 espaços na década de 1900, encontramos o registro de abertura de 19 salas na década de 1910. Nesse momento, as salas ainda permanecem localizadas na vertente atlântica do território catarinense, nas regiões Sul, Grande Florianópolis, Vale do Itajaí e Norte. Da década de 1910, trazemos imagens do Cine Lumber, construído em Três Barras junto à estrutura da madeireira Lumber (Figura 2).

Figura2 – Cine Lumber, Três Barras - 1910



Fonte: Site Lumber<sup>6</sup> / SiteClic RBS<sup>7</sup>

<sup>6</sup>O cinema em Três Barras, 2010. Disponível em: <http://lumbertresbarras.blogspot.com/2010/01/o-cinema-em-tres-barras.html>. Acesso em 12 fev. 2022.

<sup>7</sup>Southern Brazil Lumber and Colonization, 2012. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/contestado/2012/10/17/southern-brazil-lumber-and-colonization/?topo=84,2,18,,84&status=encerrado>. Acesso em: 05 Jun. 2017.

Na década de 1920, temos o registro de abertura de 13 salas, já com a presença de espaços de exibição na região serrana. Dessa

década, trazemos abaixo imagens do Cine Teatro Manoel Cruz, de Tijucas e o Cine Glória/Arajé, de Laguna (Figura 3).

Figura 3 – Cinemas da década de 1920



- A – Cine Teatro Manoel Cruz, Tijucas, 1930. Fonte: POZZO; CANDEIA, 2021.  
B – Cine Teatro Manoel Cruz, Tijucas, 2018. Fonte: POZZO; CANDEIA, 2021.  
C – Cine Glória/Arajé, Laguna, 1920. Fonte: POZZO, 2016.  
D – Ruínas do Cine Glória/Arajé, Laguna, 1980. Fonte: POZZO, 2016.

A partir da década de 1930, nota-se a construção de espaços exclusivos para o cinema. São construídas 22 salas na década de 1930 e 29 salas na década de 1940. Nesse momento, elas apontam na

região oeste do estado. Predominam as linguagens Art Déco entre as décadas de 1930, 40 e 50 e modernista em 1960 e 70. Mas, há outras linguagens arquitetônicas presentes no território catarinense. No

Vale do Itajaí, há cinemas em enxaimel. No Norte e no Oeste, cinemas de madeira. Neste último, também há a presença de uma linguagem arquitetônica extremamente popular e simples, marcada pela

ruralidade do espaço. Da década de 1930, pode-se citar a inauguração do Cine Teatro Carlos Gomes, de Lages, projetado pelo arquiteto Wolfgang Ludwig Rau, que desenvolveu outros projetos para o estado (Figura 4)

Figura 4 – Cine Teatro Carlos Gomes



A – Cine Teatro Carlos Gomes, Lages, 1939. Fonte: DALLABRIDA, 2018.

B – Cine Teatro Carlos Gomes, Lages, 2017. Fonte: DALLABRIDA, 2018.

Dos anos 1940, pode-se citar o Cine Garcia, de Blumenau, que foi um cinema de bairro, popular, focado no público de trabalhadores da Indústria têxtil Garcia. Há também o Cine Rovaris, de Criciúma; o Cine Ideal, de

Chapecó, cuja própria arquitetura demarca a ruralidade do cinema nesta região, assim como os filmes que eram exibidos; o Cine Brasil, de São Bento do Sul e Cine Teatro Marajoara de Lages (Figura 5).

Figura 5 – Cinemas da década de 1940



- A – Cine Garcia, Blumenau, 1960. Fonte: MULLER; POZZO, 2017.  
B – Cine Ideal, Chapecó, 1952. Fonte: THIES, 2016.  
C – Cine Rovaris, Criciúma, meados de 1960. Fonte: Arquivo Histórico de Criciúma.  
D – Calçados Pavone, na edificação do Cine Rovaris, Criciúma, 1974. Fonte: Arquivo Histórico de Criciúma.  
E – Edificação do Cine Rovaris, Criciúma, 2018. Fonte: Acervo dos autores.  
F – Cine Brasil, São Bento do Sul, 1946. Fonte: São Bento do Sul em Fotos<sup>8</sup>  
G – Cine Brasil, São Bento do Sul, 2012. Fonte: São Bento do Sul em Fotos<sup>9</sup>  
H – Cine Teatro Marajoara, Lages, 1947. Fonte: DALLABRIDA, 2018.  
I – Cine Teatro Marajoara, Lages, 2017. Fonte: DALLABRIDA, 2018.

---

<sup>8</sup>Cine Brasil, 2011. Disponível em: <http://sbsemfotos.blogspot.com/2011/07/cine-brasil.html>. Acesso em 12 fev. 2022.

<sup>9</sup>Cine Brasil, 2011. Disponível em: <http://sbsemfotos.blogspot.com/2011/07/cine-brasil.html>. Acesso em 12 fev. 2022.

A popularidade das salas de cinema na década de 1950 é expressa em escala nacional e estadual pela 30ª edição da Revista Brasileira dos Municípios (1955), em que se apresenta o dado de que em 1953, das 1945 cidades brasileiras, apenas 570 não possuíam sala de cinema, de forma que, aproximadamente 70,7% dos municípios do país contavam com espaços de exibição em seu território. Aprofundando o assunto, a publicação traz números detalhados para cada estado, sendo que dos 52 municípios existentes em Santa Catarina no ano de 1953, 43 declararam possuir cinemas em seu território, o que totaliza 82,7% de centralidades urbanas com acesso à sétima arte.

O mapa 4 representa, sobre a base cartográfica de 1946, perímetros urbanos onde existiram salas de cinema. É importante ressaltar que os dados levantados por nossa pesquisa não coincidem totalmente com os

apresentados pelo IBGE em 1953, por dois principais fatores: o primeiro deles diz respeito aos diferentes recortes temporais, pois enquanto a Revista Brasileira dos Municípios se baseia apenas no ano em que foi feito o levantamento, apresenta-se abaixo a presença de salas de cinema ao longo de toda década de 1950, portanto, cidades como Indaial e Videira, as quais não possuíam cinema segundo o IBGE, foram destacadas, pois estes existiram ao longo da década. O segundo fator diz respeito à divisão administrativa: o mapa abaixo é a cartografia mais próxima do perímetro dos municípios na conformação da década de 1950. Por conta disso, cidades que se emanciparam após 1946 e possuíam cinemas, como Capinzal, Guaramirim, Ituporanga, Piratuba, Taió e Tangará, não possuem demarcação, pois estavam ainda englobadas por seu território-mãe.

Mapa 4 – Presença de Salas de Cinema em 1953 segundo a Enciclopédia dos Municípios (IBGE)



Fonte: Elaborado pelos autores, sobre a base cartográfica de Santa Catarina de 1946 (SANTA CATARINA, 2016)

A década de 1950 é o ápice de inauguração de salas, em que encontramos o registo de 47. Dessa

década, mostramos abaixo o Roxy de Araranguá e o Cine Ideal de Chapecó (Figura 6).

Figura 6 – Cinemas da década de 1950



A – Cine Roxy, Araranguá, 1959. Fonte: Acervo Museu Histórico de Araranguá.

B – Cine Roxy, Araranguá, 2018. Fonte: Acervo dos autores.

C – Cine Ideal, Chapecó, 1957. Fonte: Thies, 2016.

D – Edificação que abrigou o Cine Ideal, Chapecó. Fonte: Google Street View, 2019

Lançando esses números sobre o mapa que representa a estrutura administrativa da década de 1950 em Santa Catarina, o resultado é a presença de salas de cinema em praticamente todo território estadual. Evidentemente, a maioria delas

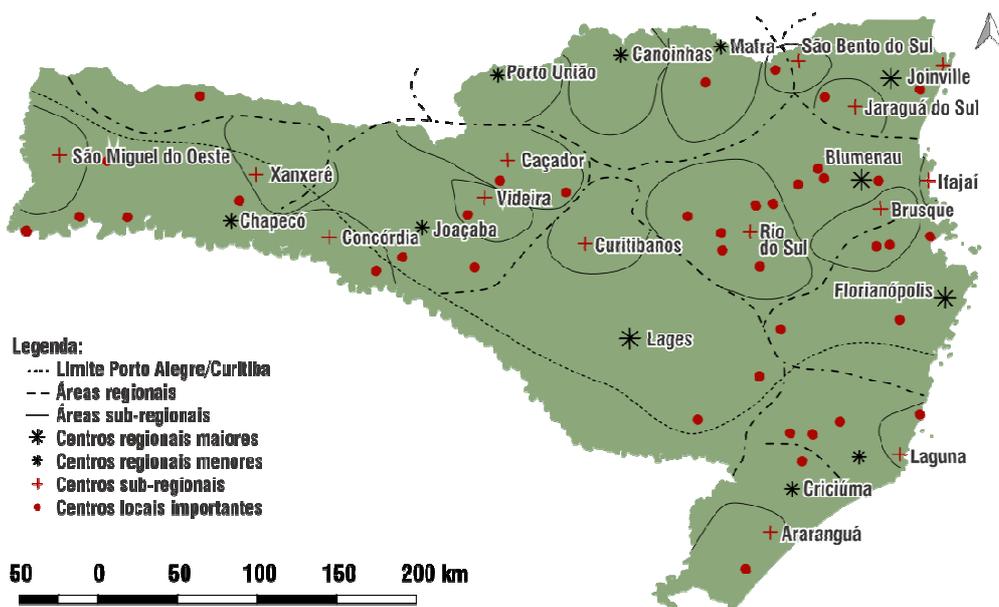
estavam localizadas na centralidade de municípios com amplo território, geralmente no conjunto urbano da praça central.

Assim é necessário contrapor a este mapa outros dois. Primeiramente, o mapa da rede urbana, para entender

a área de influência de cada centralidade onde estavam presentes as salas de cinema (Mapa 5). Também o mapa de infraestrutura estadual de

transportes, para compreender as possibilidades concretas de acesso (Mapa 6).

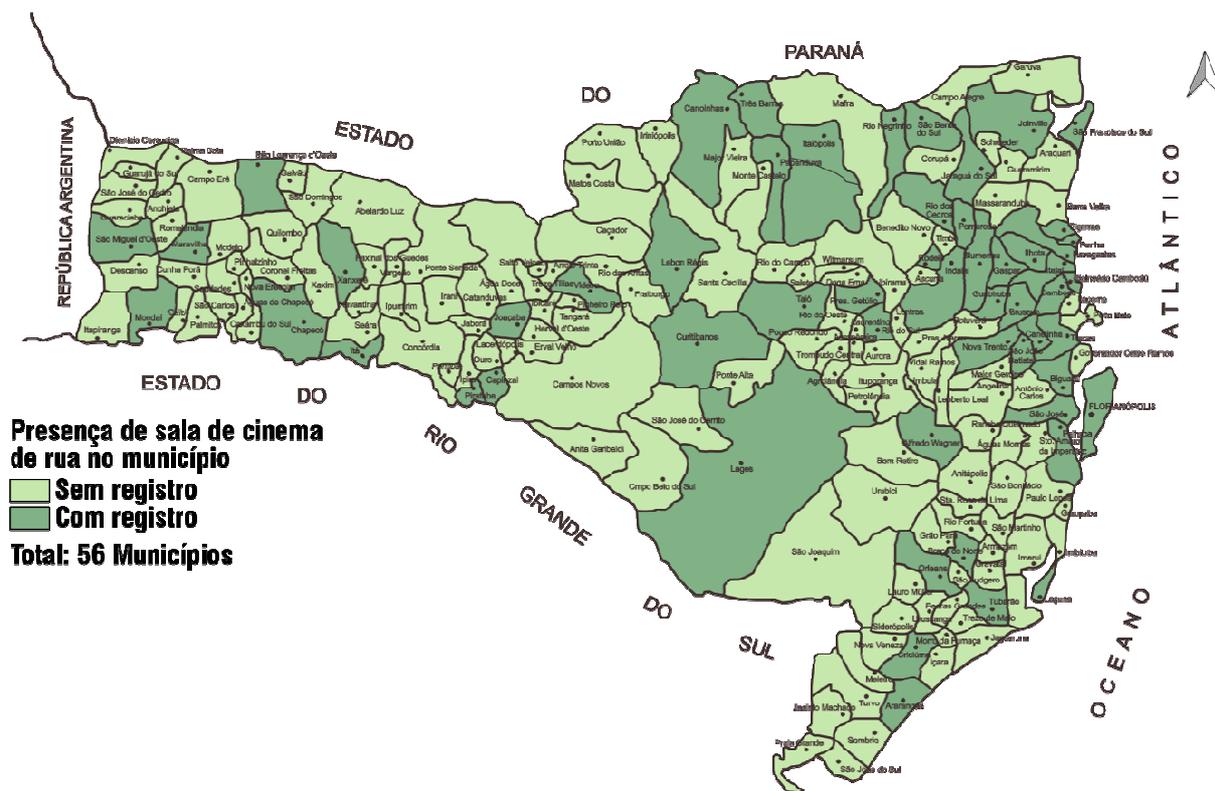
Mapa 5 - Zona de Influência das Cidades – Santa Catarina - 1966



Fonte: Mamigonian, 1966. Adaptado pelos autores.

Mapa 6 - Distribuição rodoviária de Santa Catarina e conexões - 1958





Fonte: Elaborado pelos autores, sobre a base cartográfica de Santa Catarina de 1965 (SANTA CATARINA, 2016)

Da década de 1960, trazemos o Cine Ópera de Curitibanos, o Cine Ópera de Criciúma, o Cine Vitória de Joaçaba, o Cine Sharf, de Palhoça e,

por fim, o Cine Marrocos, de Lages, em operação até recentemente (Figura 7).

Figura 7 – Cinemas da década de 1960



- A - Cine Ópera, Curitiba, 1964. Fonte: Fotos Antigas de Santa Catarina<sup>10</sup>.
- B - Edificação que abrigou o Cine Ópera, Curitiba, 2018. Fonte: Acervo dos autores.
- C - Cine Ópera, Criciúma, 1970. Fonte: IBGE<sup>11</sup>.
- D - Edificação que abrigou o Cine Ópera, Criciúma, 2018. Fonte: Acervo dos autores.
- E - Cine Vitória, Joaçaba, 1967. Fonte: Acervo Antonio Carlos Pereira.<sup>12</sup>
- F - Edificação que abrigou o Cine Vitória, Joaçaba, 2018. Fonte: Acervo dos autores.
- G - Cine Scharf, Palhoça, 1967. Fonte: Site ND+<sup>13</sup>
- H - Cine Marrocos, Lages, 2017. Fonte: DALLABRIDA, 2018.

---

<sup>10</sup>Antigos Cinemas de SC – Edição 01, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/FotosAntigasDeSantaCatarina/photos/a.534595869886229/786029408076206/?type=3&theater>. Acesso em 12 jan. 2022.

<sup>11</sup> Biblioteca IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=447154>. Acesso em 12 jan. 2022.

<sup>12</sup>No Escurinho do Cinema. EXITO 57 Ago/Set 2013. Os Discos do Bolinha. Disponível em: [osdiscosdobolinha.blogspot.com/2013/08/no-escurinho-do-cinema-exito-57-agoset.html](http://osdiscosdobolinha.blogspot.com/2013/08/no-escurinho-do-cinema-exito-57-agoset.html). Acesso em 18 set. 2021.

<sup>13</sup>OLIVEIRA, Alessandra. Palhoça teve dois cinemas, mas ficou sem nenhum. ND+, 2011. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cinema/palhoca-teve-dois-cinemas-mas-ficou-sem-nenhum/>. Acesso em 12 jan. 2022.

O momento de inflexão na relação entre abertura e fechamento de salas em Santa Catarina é a década de 1970. Nesta década temos registro de abertura de 8 salas, e os registros de fechamento despontam para 11. Já na década de 1980, temos registro de abertura de 4 salas e fechamento de 15. Na década de 1990, uma sala foi aberta e 18 foram fechadas.

### **O cinema na cidade: as ruas e a escala urbana**

A partir da década de 1990, portanto, há um segundo movimento dessas telas migrantes, que ocorre na escala urbana: das salas das ruas das centralidades urbanas tradicionais para as novas centralidades pontuais, como âncoras de shopping-centers.

O número de salas de cinema localizadas em shopping centers no Brasil era de 89% no ano de 2018 (ANCINE, 2019B). É possível reconhecer que o crescimento do número de salas de cinema no período pós anos 2000 acompanha a expansão dos shopping centers pelo território nacional.

Na década de 1990 ocorre a entrada de grandes empresas

estrangeiras no segmento de exibição no Brasil. Estas introduzem em nossa realidade o conceito de *multiplex*: "caracterizado pela reunião de várias salas sob uma mesma unidade arquitetônica, invariavelmente associada a grandes empreendimentos comerciais (shoppings centers), e com grande oferta de blockbusters". (ANCINE, 2011, p. 34). O conceito de multiplex vem embutido de "incentivos especiais" para resgatar o público do cinema: conforto, segurança, serviços, tecnologia.

Mas os dados de informações culturais da MUNIC-IBGE (2019) apontam para dois lados. Primeiro, comprovam que o crescimento das salas de cinema passa pelo desenvolvimento do extrato médio da rede urbana nacional. É aqui que se concentra o crescimento substancial das salas. Em segundo lugar, apontam que nem toda sala de cinema nova ou reaberta está localizada em shopping centers. Aqui tem lugar a reabertura de salas de rua e, também, a existência de *multiplex* fora de shoppings, nas ruas.

Em 2018, 33 novos complexos foram inaugurados e 8 foram reabertos

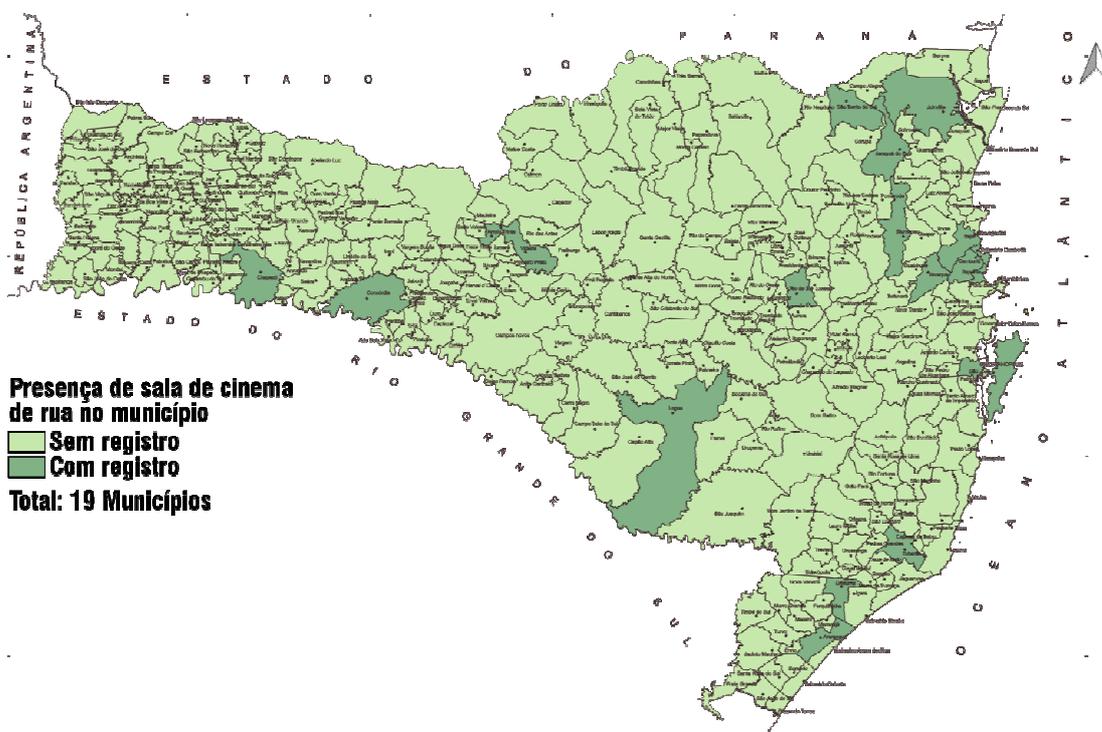
no Brasil (ANCINE, 2019B), sendo que deste total 3 eram *multiplex* de rua e 3 eram cinemas de rua. Dos reabertos, 1 representa *multiplex* de rua e 7 são salas tradicionais de rua. O formato *multiplex* de shopping é predominantemente escolha das exibidoras internacionais (Cinépolis) e das grandes exibidoras nacionais (Cinesystem) e regionais (Gracher, Multicine).

O formato de rua, tanto o clássico quanto o *multiplex* é obra de grupos exibidores menores ou independentes. A análise de um ano traz à tona a questão da diversidade de formas de implantação das salas, como no caso do estado de Santa Catarina. O grupo exibidor catarinense Gracher, que iniciou as atividades com cinemas de rua em 1915, na cidade de Brusque, no ano de 2018 inaugurou 4 complexos de 3 e 4 salas juntos à estrutura de uma grande loja de departamentos local. Nesse estado, há também cinemas que instalam-se em grandes supermercados. O grupo Gracher,

bem como o Arcoplex, de Lages, são exemplares catarinenses de empresas que ingressaram há muitas décadas no ramo exibidor, com salas de rua e hoje formam redes estaduais e regionais de exibição. Outra questão interessante é perceber que o cinema de rua não se resume à clássica sala dos anos 1930 ou 1950. Há novos cinemas sendo inaugurados nas ruas, alguns deles no formato *multiplex*.

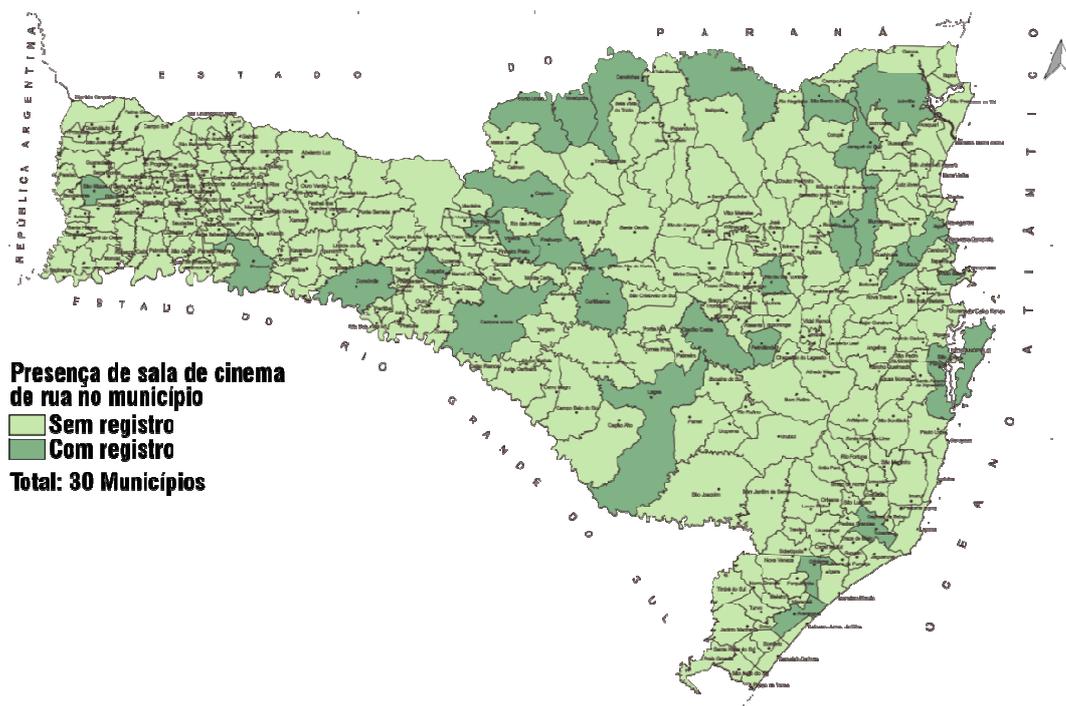
Nesse contexto é que as salas reaparecem no território catarinense especialmente a partir dos anos 2000. Se compararmos o mapa de localização das salas (agora não mais exclusivamente de rua, mas de todos os formatos) de 2008 e 2019, percebemos uma grande evolução. Em 2008 havia cinema em 19 cidades do estado (Mapa 8). Em 2019 elas estão presentes em 30 cidades (Mapa 9).

Mapa 8—Presença de sala de cinema de rua nos municípios catarinenses—2008



Fonte: Elaborado pelos autores sobre base cartográfica atual de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 2016).

Mapa 9 –Presença de sala de cinema de rua nos municípios catarinenses—2019



Fonte: Elaborado pelos autores sobre base cartográfica atual de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 2016).

## O cotidiano e a experiência do cinema<sup>14</sup>

Dentro da escala urbana, há, por fim, uma última, porém importante, possibilidade de abordagem da história das salas de cinema de rua: o cotidiano, ou, a cotidianidade do cinema. Trata-se de pensar o cinema a partir do olhar do espectador, o cinema que existiu enquanto parte da vida cotidiana do público. O cinema que se estende como acontecimento na cidade, motor de sociabilidade, e que é

presente enquanto memória. Trabalha-se, portanto, com a matéria prima do cotidiano, na perspectiva de Lefebvre (1991, p. 35):

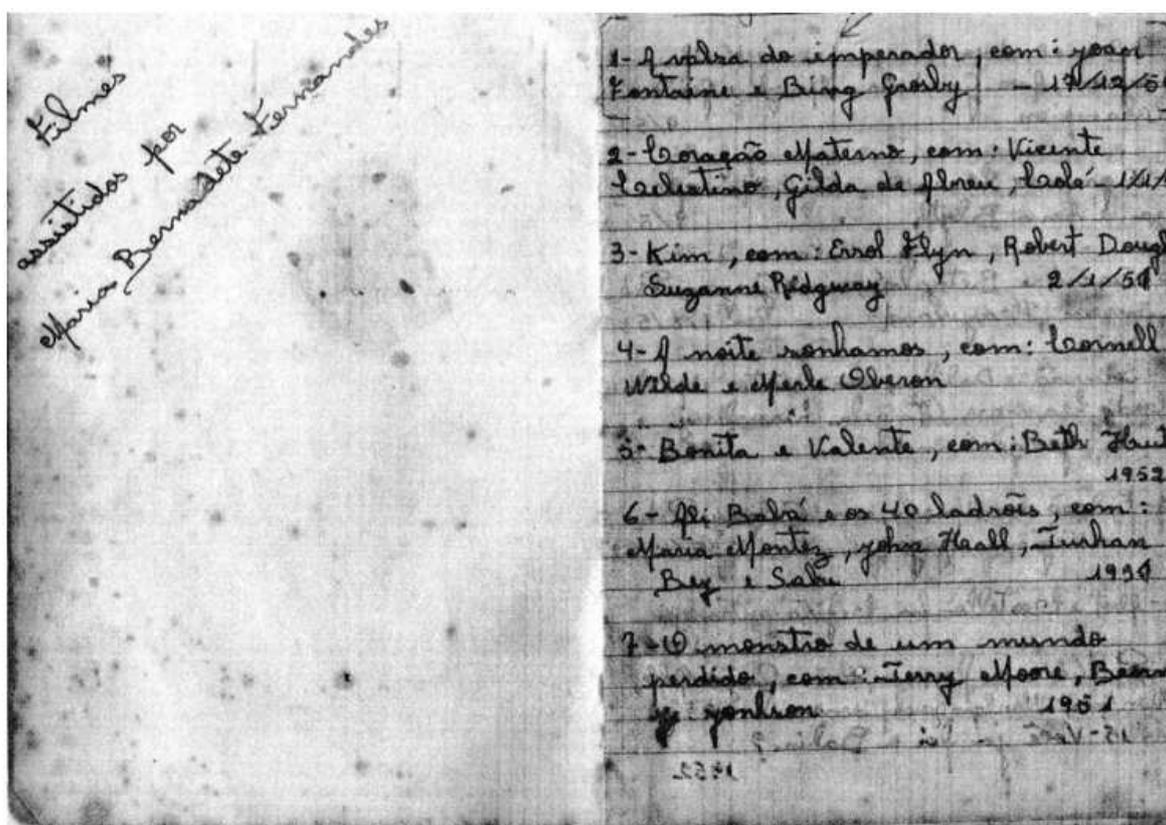
Tratando-se de cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera a cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações, e suas perspectivas, retendo, entre os fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a 'sociedade', situando o cotidiano no global: o Estado, a técnica e a tecnicidade, a cultura (ou a decomposição da cultura) etc.

<sup>14</sup> Parte do conteúdo ora apresentado foi desenvolvido anteriormente em Pozzo (2017).

Sobre esse aspecto, dentre tantas histórias possíveis, vamos pinçar o diário de Betinha (Figura 8). Entre 1950 e 1968 Maria Bernadete Fernandes Pereira frequentou o cinema 805 vezes. Quase 50 anos depois, as investigações realizadas junto ao projeto de pesquisa conduziram a ela e seu diário. Por 18 anos Dona Betinha manteve o hábito de anotar todos os filmes que assistiu em duas salas de cinema de rua da cidade de Laguna, o Cine Mussi e o

Cine Roma. Estas anotações são dotadas de grande representatividade para a historiografia do cinema brasileiro, tendo em vista que um acompanhamento rigoroso sobre a exibição cinematográfica no Brasil passou a existir apenas a partir da fundação da Embrafilme (Empresa Brasileira de Cinema), em 1972. No período relatado no diário, Betinha assistiu a 69 produções nacionais.

Figura 8 – O diário de Betinha: contra-capla e primeira página.



Fonte: POZZO, 2017.

A vida cotidiana é uma das esferas que formam a heterogeneidade da história, que, para Agnes Heller (2004), é a substância da sociedade: “A vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social”. (HELLER, 2004, p. 20). Historicamente, nas pequenas cidades brasileiras, o cinema configura-se como um vetor de inserção da modernidade na vida cotidiana a partir da década de 1940. Na cidade de Laguna, as salas de cinema despontam no centro tradicional justamente no momento em que a cidade vive sua grande transição para a modernidade (passagem do século XIX para o XX), impulsionada pelo capital comercial ligado à função portuária, e, entram em decadência juntamente com o declínio das forças motrizes deste processo. Este momento tem como cenário o centro da cidade. Já o capital turístico-imobiliário, que desponta na segunda metade do século XX, atrai o movimento noturno para a cidade à beira mar. Segundo Lucena (1998, p. 110), entre as décadas de 1930 e

1960, os espaços privados como cinemas, sorveterias e cafés complementavam as atividades dos espaços públicos como jardins e praças, e as próprias ruas, promovendo o movimento noturno da centralidade urbana da cidade: “O lazer dos finais de semana era o ‘footing’, após as sessões de cinema, teatro ou missa”.

Betinha registrou em seu diário a frequência em duas salas de cinema que funcionaram simultaneamente por alguns anos na cidade: o Cine Mussi e o Cine Roma. Além destas, Laguna apresentou outras cinco salas de rua, todas localizadas na região central: Cine Poeirinha (funcionou entre a década de 1940 e 1960), Cine Central/Palace (entre 1910 - 1970, tendo a edificação incendiado em 1977), Cine Glória/Arajé (entre 1910 - 1950, sendo que a edificação tombou em estado de ruína em 1984), Cine Natal (ativo entre 1910 e aproximadamente 1950), Cine Saturno (também ativo entre 1910 e aproximadamente 1950).

O diário de Betinha revela uma geografia do cinema brasileiro que é uma *geografia urbana*, ligada ao

movimento cotidiano motivado pelas salas de cinema rua. Possibilita perceber e analisar os efeitos do cinema, que enlaçam vidas e territórios. A sala, a esfera da exibição, faz o cinema acontecer na escala da vida humana e do movimento histórico da cidade.

Ler e interpretar este diário, foi, de certa forma, comparável a entrar em um cinema e ver um filme. O diário levou-nos muito além da vida cotidiana de uma moradora da cidade de Laguna. Agnes Heller (2004) expressa que ninguém consegue desligar-se da cotidianidade e, tampouco, viver tão somente a cotidianidade. Por isso, mediante a análise desta prática cotidiana somos conduzidos a perceber a reprodução em uma pequena cidade de movimentos globais a partir da interação dialética entre escalas, envolvendo uma ordem próxima e uma ordem distante.

Vemos que há muitas outras possibilidades de análise para a historiografia cinematográfica a partir desta fonte de pesquisa: as trilhas sonoras feitas por Radamés Gnattali, as atuações de Zezé Macedo ou Cyll Farney, a fotografia do turco Ozen Sermet. Sem contar as produções

estrangeiras, notadamente estadunidenses, italianas e espanholas que aparecem no diário e não foram analisadas neste ensaio. Outro enfoque possível é o de gênero, considerando que o cinema teve também um importante papel de integração das mulheres à vida social.

A existência de salas de cinema de rua encontra sentido na configuração social da cidade moderna brasileira típica da primeira metade do século XX, quando as ruas ainda se apresentavam como espaços de encontro. Sair de casa, andar pelas ruas, ver e ser visto, assistir um filme, entre outras ações, tudo era muito moderno. De tal forma que seria conveniente nos perguntarmos: quem morreu primeiro, a sala de cinema ou a rua? O fato é que o modelo de urbanização que impera desde então não privilegia este tipo de estrutura de sociabilidade baseada no espaço público, mas sim, novas estruturas como autopistas e shopping centers onde os encontros se dão nos corredores, protegidos do *caos da cidade*, da chuva, do vento e, principalmente, do imaginário da violência urbana. Nossa sociabilidade migrou para esses espaços privados e

as salas de cinema também.

### **Considerações finais: pensar situacionalmente o presente**

Os autores que vos escrevem esta narrativa são nascidos em pequenas cidades do estado de Santa Catarina entre as décadas de 1980 e 1990. Nessa época, nossas cidades já

não apresentavam cinemas, e nosso contato com os filmes era através das locadoras de *home-vídeo*. O Cine Mussi (Figura 9) foi o primeiro cinema de rua que frequentamos entre os anos de 2015 e 2020, na cidade de Laguna, para a qual nos mudamos e nos encontramos por força da Universidade.

Figura 9 – Cine Mussi, em Laguna



A– Cine Mussi, Laguna. Fonte: POZZO, 2016.

B – Cine Mussi, Laguna. Fonte: Acervo Ronaldo Amboni<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://nucleodeturismo.com.br/portal/ponto/teatro-cine-mussi>. Acesso em 14 jun. 2022.

No Cine Mussi tivemos experiências marcantes, como estar na plateia lotada para assistir a Bacurau, de Kleber Mendonça Filho, em 2019. A partir desse momento, e especialmente das experiências no cinema lotado, nossas pesquisas passaram a significar também as memórias do que vivemos, e não apenas o sentimento de ausência.

Aqui continuaremos escrevendo na primeira pessoa plural, mas bem poderíamos utilizar a primeira do singular e fazer coro em uníssono. A saída do interior para a cidade grande, e o desejo de fazer parte de uma certa modernidade nos conduziu a estudar a história de um símbolo dessa modernidade, as salas de cinema, mesmo que estas nunca tivessem feito parte diretamente de nossas histórias. Aos poucos, fomos encontrando nosso lugar nesse campo produzindo um olhar cada vez mais crítico sobre esses espaços, percebendo as ausências e as intencionalidades políticas de suas existências.

Por isso, é necessário pontuar que não intencionamos, com essas reflexões, reivindicar uma visão romântica e nostálgica da sala de cinema, pois a presença dessas salas

também foi coberta de intencionalidades políticas, de exclusões, e havia também as ausências. Ao fim e ao cabo, nossas investigações objetivam refletir sobre suas possibilidades de existência da sala de cinema de rua no mundo contemporâneo, ou simplesmente do cinema nos espaços públicos do mundo (pois as videografias em medianeiras, durante a pandemia, demonstraram que a exibição cinematográfica não precisa estar reclusa a uma sala comercial). Neste sentido, é esclarecedora a experiência de implantação do Circuito Socine, uma rede de 20 salas públicas de cinema em São Paulo, entre os anos 2015 e 2016. O gestor do projeto, Alfredo Manevy, relata que depoimentos de espectadores das salas revelaram “usos do cinema como um espaço de qualificação das relações sociais”, espaços, esses, tão fundamentais para a construção da cidadania. “São evidências de que a sala de cinema não apenas tem futuro como será ainda, por bastante tempo, capaz de mudar o mundo e a vida das pessoas” (MANEVY, 2017).

Como apontamos acima, há sinais de esgotamento do modelo de

sociabilidade privada, e a pandemia, paradoxalmente, pode contribuir para tal na medida em que a cada dia aprofunda nosso desejo pelo encontro. As ruas estão voltando e os cinemas também. Como exemplo disso, temos o Cine Mussi, esse cinema que faz parte das memórias de Betinha e que hoje também faz parte das nossas.

## Referências

ANCINE. *Cinema perto de você*. 2019A. Disponível em: <https://cinemapertodevoce.ancine.gov.br/node/1>. Acesso em: 28 mai. 2021.

ANCINE. *Salas de exibição - 2018*. 2019B. Disponível em: [https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe\\_salas\\_de\\_exibicao\\_2018.pdf](https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_salas_de_exibicao_2018.pdf). Acesso em: 25 nov. 2019.

ANCINE. *Salas de Exibição: Mapeamento*. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: [www.ancine.gov.br](http://www.ancine.gov.br). Acesso em: 10 dez. 2011.

BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema brasileiro: proposta para uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DALLABRIDA, Willian Sartor. *Memória e Sociabilidade Urbana: Proposta de um Memorial do Cinema e Teatro Lageano Anexo ao Cine Marrocos em Lages/SC*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Laguna, 2018.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

IBGE. *Pesquisa de Informações básicas municipais - MUNIC*. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/10586-pesquisa-de-informacoes-basicas-municipais.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 27 nov. 2019.

IBGE. *Revista Brasileira dos Municípios*. Nº 30, Ano VIII, Abril/Junho, 1955. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/180/rbm\\_1955\\_v8\\_n30\\_abr\\_jun.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/180/rbm_1955_v8_n30_abr_jun.pdf). Acesso em: 12 jan. 2022.

IBGE. *Santa Catarina: Mesorregiões*. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 14 jun. 2021.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. *Laguna de Ontem e Hoje: Espaços Públicos e Vida Urbana*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

MAMIGONIAN, Armen. Vida Regional em Santa Catarina. *Orientação*, IGEO/USP, n. 2, p. 35-38, set.1966.

MANEVY, Alfredo. *Uma sala de cinema pode (ainda) mudar o mundo*. In: *Mídia Ninja* [Site]. 25/04/2017. Disponível em: <http://midianinja.org/alfredomanevy/uma-sala-de-cinema-pode-ainda-mudar-o-mundo/>. Acesso em: 25 abr. 2017.

MÜLLER, Yasmin Lopes; POZZO, Renata Rogowski. Cartografias do cinema: o protagonismo de Blumenau no contexto catarinense. In: *Anais do*

XV SIMPURB - Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2017, Salvador-BA.

PEREIRA, Marillyan Souza. *Síntese das artes: reabilitação do Cine Ritz, centro histórico de Florianópolis/SC*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Laguna, 2017.

POZZO, Renata Rogowski. A cotidianidade do cinema. *Revista Contracampo*, v. 36, p. 85, 2017.

POZZO, Renata Rogowski. *O cinema na cidade: uma cartografia das antigas salas de cinema de rua de Laguna - SC*. 1. ed. Florianópolis: DIOESC, 2016.

POZZO, Renata Rogowski. O poder de narrar: geopolítica da distribuição cinematográfica no Brasil. *LIINC em Revista*, v. 16, p. e5144, 2020<sup>a</sup>.

POZZO, Renata Rogowski. Telas migrantes: uma geografia urbana das salas de exibição comercial no Brasil do século XXI. *Rebeca*, v. 9, p. 57-80, 2020B.

POZZO, Renata Rogowski; CANDEIA, Luís Eduardo. *Cinemas de rua ao longo do Vale do Rio Tijucas (SC):*

expressões da cultura e marcadores do desenvolvimento regional. *Redes* (Santa Cruz do Sul. Online), v. 26, p. 1-23, 2021.

SANTA CATARINA. Secretaria do Estado do Planejamento. Diretoria de Estatística e Cartografia. *Atlas Geográfico de Santa Catarina: estado e território – fascículo 1*. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2016.

SANTA CATARINA. Departamento Estadual de Geografia e Cartografia. *Atlas Geográfico de Santa Catarina*. Florianópolis, 1958.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EdUSP, 2020.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O território brasileiro: do passado ao presente. In: *Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

THIES, Janete da Costa. *Cine Astral: uma história para recordar na cidade de Chapecó (SC)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - UNOCHAPECÓ, 2016.